

O COMPORTAMENTO SINTÁTICO DOS ELEMENTOS À ESQUERDA⁶²

Maiane Soares Leite Santos (UFBA)

may_leite@hotmail.com

Edivalda Alves Araújo (UFBA)

RESUMO

O objeto de estudo dessa pesquisa são os sintagmas preposicionados ou adverbiais deslocados na periferia à esquerda, tendo como *corpus* de análise dados de fala espontânea. O objetivo principal é analisar tais sintagmas para identificar a função que estão exercendo na periferia à esquerda: se tópico ou adjunto, ou ambos. Essa análise está pautada na definição de tópico apresentada por Pontes (1987) e Araújo (2006), e na descrição do comportamento sintático dos adjuntos adverbiais delineada por Rocha e Lopes (2009) e Castilho (2012).

Palavras-chave: Sintaxe. Comportamento sintático. Sintagmas. Tópico.

1. Introdução

Os sintagmas preposicionados ou adverbiais deslocados à esquerda podem, a depender dos requerimentos sintáticos ou discursivos, exercer ou a função de tópico ou a função de adjunto, ou ambos. Além disso, podem acontecer situações, como em (3), em que existem dois elementos à esquerda com diferentes comportamentos sintáticos, como podemos ver a seguir:

(1) Quanto a ontem, a briga do casal foi feia.

(2) Agora eu só quero saber de cozinhar.

(3) Geralmente, na roça, painho gosta de ver as vacas.

Nos três exemplos, existem sintagmas preposicionados ou adverbiais deslocados à esquerda. Todos esses sintagmas, dentro de uma análise puramente sintática, são considerados apenas adjuntos adverbiais. No entanto, ao se analisar a interface sintaxe-discurso, constata-se que os sintagmas em questão podem ser tópicos, adjuntos ou ambos.

No exemplo em (1), o sintagma adverbial deslocado – *ontem* – é

⁶² Trabalho desenvolvido na Iniciação Científica da UFBA, vinculado ao PROHPOR, com financiamento da FAPESB, e orientado pela Profa. Dra. Edivalda Araújo.

considerado tópico devido ao uso da estratégia sintática *quanto* a, que é utilizada para introduzir ou retomar um assunto partilhado entre os interlocutores, conforme o indicam Pontes (1987) e Araújo (2006). No exemplo em (2), o elemento deslocado não pode exercer a função de tópico, pois não está disponível nas inferências dos interlocutores. Em (3), há dois sintagmas localizados à esquerda da sentença: *geralmente* e *na roça*; contudo, apenas um pode exercer a função de tópico. Como mostra Castilho (2012), advérbios terminados em *-mente* não têm referência, sendo assim, está descartada a possibilidade de *geralmente* ser tópico. O outro sintagma, *na roça*, é, ao mesmo tempo, tópico e adjunto. É tópico porque, no contexto discursivo, é um elemento referencial e identificável para os interlocutores envolvidos na conversa; é adjunto porque não é um sintagma selecionado pelo verbo.

A análise do comportamento sintático desses sintagmas deslocados à esquerda tem como apoio teórico: Pontes (1987) e Araújo (2006), que tratam da questão do tópico e sua ocorrência na língua portuguesa, mostrando a localidade desse elemento na estrutura da informação; Rizzi (2002), que aborda a questão da localidade, dando uma maior atenção para a periferia à esquerda da sentença, e a partir dessa localidade atribui características possíveis de diferenciar e identificar tópico e adjuntos; Rocha e Lopes (2009), Rocha (1996) e Castilho (2012), onde se encontra a abordagem sobre o processo de adjunção que permite a entrada de adjuntos nas sentenças e a facilidade de mobilidade sintática, a composição e escopo desses elementos.

Este trabalho encontra-se assim organizado: na segunda seção, apresenta-se o quadro teórico relacionado ao tópico e também ao adjunto; na terceira, os resultados encontrados na comparação entre adjunto e tópico; e, na quarta, uma breve conclusão.

2. *Quadro teórico*

2.1. O tópico

Pontes (1987) e Araújo (2006) trazem algumas características que proporcionam a identificação de um elemento como tópico na sentença. Para Pontes (1987), tópico é o elemento deslocado à esquerda da sentença que estabelece um quadro de referência para o que vai ser dito. Araújo (2006), em consonância com esse pensamento da autora, traz discussões

sobre os elementos linguísticos que recebem uma carga informacional da estrutura da informação, funcionando ou como tópico ou como foco.

Para a identificação do tópico na sentença, Araújo (2006), seguindo Lambrecht (1996), aborda as características semântico-pragmáticas que o sintagma deve apresentar para assumir tal função na sentença: referencialidade, definitude e ativação no discurso.

Araújo (2006) defende que o tópico é o elemento linguístico que, discursivamente, tem como função apresentar o assunto sobre o qual será feito um comentário; direcionar a conversa; retomar um assunto anterior; ou indicar a mudança de assunto. Este elemento está na interface sintaxe e discurso (diálogo, conversa), e mantém uma relação semântica e sintática com o seu comentário. Sintaticamente, é considerado tópico o elemento geralmente deslocado à esquerda, sobre o qual será feito um comentário. No que se refere ao discurso, o tópico é o direcionador ou sinalizador do assunto, é o elemento que faz parte da pressuposição e, por isso, é uma informação que está disponível no conhecimento do falante/escritor e do ouvinte/leitor, como se pode verificar no exemplo abaixo:

(4) Na casa da ilha, o calor tá insuportável.

Na sentença em (4), o sintagma *na casa da ilha* pode estar atuando como tópico, pois para o falante esse elemento está nas inferências do ouvinte, ou seja, o sintagma que aparece deslocado é uma informação compartilhada entre os interlocutores do diálogo.

Segundo essa perspectiva, as construções com tópico mostram a escolha do que é proeminente para o falante/escritor – em sua produção linguística – para determinada situação. Ou seja, ao deslocar um sintagma para a esquerda, o falante/escritor mostra para o ouvinte/leitor sobre o que está se falando, dando a proeminência desse sintagma, que passa a ser o tópico da sentença.

As construções de tópico, de acordo com Araújo (2006), podem ou não ser marcadas. É marcada se houver um tópico deslocado; é não-marcada, ou canônica, se o tópico for o sujeito. Pode-se verificar essa afirmação no exemplo a seguir:

(5) As pessoas encheram a loja.

(6) Desse refrigerante, não gosto.

Em (5), existe uma sentença do tipo sujeito – predicado; o tópico

nessa construção é canônico, porque é o próprio sujeito⁶³. Na sentença em (6), entretanto, a construção é do tipo tópico-comentário, porque está sendo iniciada por um elemento deslocado para a esquerda, constituindo um tópico marcado.

Tanto Pontes (1987) quanto Araújo (2009) defendem que qualquer elemento pode ser promovido à posição de tópico, independente de sua função sintática. É o que pode ser observado em alguns exemplos abaixo, cujos elementos são tópicos deslocados à esquerda, mas apresentam diferentes funções sintáticas:

(7) a. *O filhote*, João doou pro canil.

b. *Gato*, Jorge gosta, mas de cachorro nem pensar.

Em (7a), o SN *O filhote* exerce a função de objeto direto, diferentemente de (7b), em que o SN *Gato* exerce a função de objeto indireto. Sendo assim, sintagmas com diferentes funções sintáticas, a depender do contexto, podem exercer a função de tópico.

Desse modo, a partir dessa constatação de que qualquer elemento pode ocupar a função de tópico, e também considerando as características apresentadas pelas autoras, serão analisados, nesta pesquisa, os sintagmas preposicionados ou adverbiais, que, deslocados à esquerda, podem estar na função de tópico ou de adjuntos adverbiais, nas produções orais do português brasileiro.

2.2. Adjuntos

Rocha e Lopes (2009) e Castilho (2012) fazem uma abordagem sobre a forma e função dos adjuntos e os sintagmas que atuam como adjuntos.

O processo de adjunção permite que as sentenças sejam expandidas através da ocorrência de elementos não selecionados por um predicador. Esses elementos não modificam a natureza categorial do núcleo a que se adjungem, mas lhe acrescentam mais uma camada hierárquica; sendo, por isso, considerados adjuntos. Estes, segundo os autores, não são formados apenas por advérbios, mas também por outros elementos, como, por exemplo, sintagmas preposicionados.

⁶³ Não é objetivo deste trabalho discutir se o sujeito é ou não deslocado à esquerda.

Como mostram Rocha e Lopes (2009), os adjuntos são, para a sintaxe, elementos dispensáveis para a compreensão das sentenças, pois estas serão compreendidas com ou sem a ocorrência desses elementos. No entanto, numa visão semântica, a ocorrência dos adjuntos é escolha do falante. Ou seja, se o falante faz uso desses elementos é porque os acham necessários para que o ouvinte compreenda as informações a serem transmitidas. A partir disso, as autoras trazem as características que definem os adjuntos: i) não são selecionados por um núcleo; ii) expandem o elemento a que se adjungem; iii) adjungem-se a um dado elemento, ou seja, são eles que escolhem seu escopo.

Para as autoras, assim como para Castilho (2012), o fato de os adjuntos não serem elementos selecionados por um núcleo implica uma dada mobilidade sintática dos mesmos nas sentenças a que se adjungem. É o que se pode verificar a seguir:

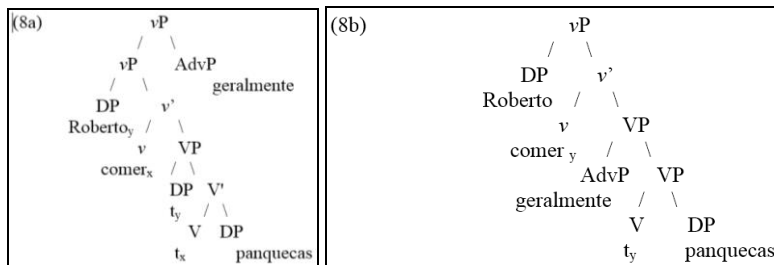
(8) a. Roberto come panquecas geralmente.

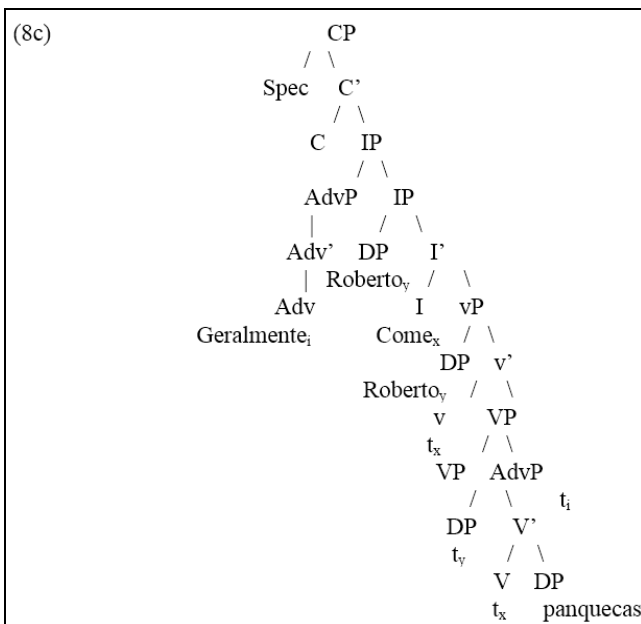
b. Roberto come geralmente panquecas.

c. Geralmente Roberto come panquecas.

Com a representação do exemplo em (8), é possível visualizar a mobilidade que os adjuntos possuem nas sentenças, mas isso vai depender da natureza dos mesmos. Observe que em cada uma das sentenças o adjunto se adjunge em um lugar, tendo, assim, diferentes escopos. Além disso, de acordo com os autores, pode-se comprovar que o adjunto escolhe o elemento para ser seu escopo, resultando, então, em mais uma camada ao VP, ao vP ou ao IP. É o que se pode verificar nas representações em (8a), (8b) e (8c), respectivamente.

A partir das representações arbóreas, pode se verificar que os adjuntos atribuem mais uma camada externa à projeção a que ele se adjunge e, além disso, adjungem-se a diferentes elementos ou a toda a sentença como ocorreu em (8c).





3. Resultados

Após exposição do quadro teórico, apresenta-se o resultado das análises realizadas nos dados encontrados. Para a consecução da análise, seguem-se as propostas dos autores aqui citados, por permitirem a identificação do tópico e do adjunto bem como o estabelecimento das diferenças e semelhanças entre os mesmos quando estão deslocados à esquerda nas sentenças. Destacam-se, assim, os seguintes aspectos que envolvem o tópico e o adjunto:

I – A questão da localidade abordada em Rizzi (2002). Segundo este autor, assim como os outros autores aqui tratados, tanto o tópico quanto o adjunto ocorrem na periferia esquerda da sentença, como, por exemplo:

- (10) a. *No churrasco, só comi toscana.*
 b. *De tarde Rosa saiu com Beto.*

Nesses exemplos, os elementos deslocados exercem diferentes funções: na primeira sentença, levando-se em consideração o contexto, o elemento deslocado é tópico, diferentemente da segunda sentença, em que o elemento, apesar de estar na periferia esquerda, é um adjunto, e não um tópico por não manter conexão com o discurso e, dessa forma, não apresentar referencialidade no contexto em que se encontra.

II – O tópico não tem mobilidade sintática. Há lugares previstos para ele; ao passo que o adjunto apresenta mobilidade:

- (11) a. Na casa de pai, os cachorro é tudo brabo.
b. Os cachorro, na casa de pai, é tudo brabo.
c. Os cachorro é tudo brabo na casa de pai.

Observe que nos três exemplos há o mesmo sintagma preposicionado, cuja função sintática é a de adjunto adverbial de lugar; no entanto, a única posição que habilita esse sintagma a ser tópico é a presente em (11a), pois nas outras sentenças, devido à distribuição em lugares diferentes, esses elementos só podem ser adjuntos.

III – O tópico, às vezes, é argumento selecionado por um predador nominal ou verbal, o adjunto não.

- (12) A: o que você fez nesse sábado?
B: No sábado? Eu fui ao MAM.
(13) O carro, eu troquei no sábado.

Observe que em (12B), tem-se um adjunto adverbial de tempo que, levando em consideração o contexto, pode atuar como tópico, e não é argumento de nenhum predador; diferentemente do exemplo em (13), no qual o elemento que está atuando como tópico é um argumento do verbo e cuja função sintática é a de objeto direto.

IV – Quando há mais de um adjunto à esquerda, geralmente só um exerce a função de tópico:

- (14) a. Hoje, em Simões Filho, o lugar é bom, mas é ruim de acesso.
b. Na reunião amanhã você vai estar lá?

Em (14a), o adjunto que está exercendo a função de tópico é *Simões Filho* e o outro advérbio que está deslocado é apenas um adjunto marcador de tempo. Em (14b), o sintagma *na reunião*, que está iniciando a sentença, é o tópico, porque: i) dentro do contexto, é definido; logo é possível de ser identificável nas inferências dos participantes da conversa; e ii) está ligado a outro elemento na sentença, ou seja, seu coreferente *lá* (cf. Pontes, 1987).

V – Há o que Rocha e Lopes (2009) denominam de empilhamento.

(15) João *nessa época sempre* vai à fazenda *pela manhã de carroça com as galinhas na sacola do lado esquerdo da carroça*.

O exemplo em (15) mostra que os adjuntos podem ser empilhados com mais frequência do que o tópico, em qualquer parte da oração. Os tópicos, como indicam alguns autores, podem ser recursivos, mas somente na periferia à esquerda.

VI – Os advérbios terminados em *-mente* não podem exercer a função de tópico, pois não são referenciais como defende Castilho (2012), e não são temas naturais como defende Rizzi (2002), como se pode verificar a seguir:

(16) *Francamente*, você passou dos limites.

Advérbios desse tipo não passam no teste de “quanto a...”, conforme indica Rizzi (2002): *quanto a francamente, você passou dos limites. Se o elemento não passa nesse teste, então não é um tópico. É o que ocorre com os advérbios em *-mente*.

4. Conclusão

A análise realizada em dados espontâneos da língua oral no português brasileiro revela que os sintagmas preposicionados ou adverbiais deslocados à esquerda podem, de fato, apresentar duas funções: a de adjunto (função sintática) e a de tópico (função sintático-discursiva). A identificação de uma ou de outra função está condicionada à análise do contexto acrescida da análise sintática.

Se o sintagma preposicionado ou adverbial for direcionador do assunto, possuir referência dentro do contexto em que se encontra, sendo, então, identificável nas inferências dos interlocutores, entre outras características, pode ser considerado tópico. Caso contrário, esses sintagmas posicionados à esquerda funcionarão apenas como adjuntos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PONTES, Eunice Souza Lima. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

ARAÚJO, Edivalda Alves. *As construções de tópico no português nos séculos XVIII e XIX: uma abordagem sintático-discursiva*. 2006. – Tese (de doutoramento). UFBA, Salvador.

ARAÚJO, Edivalda. Construções de tópico. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009, p. 231-250.

ROCHA, Maura A. Freitas; LOPES, Ruth E. Vasconcellos. Adjunção. In: KATO, Mary; NASCIMENTO, Milton do. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Coordenação Geral: Ataliba T. de Castilho. Campinas: Unicamp, 2009, p. 189-235.

CASTILHO, T. Ataliba. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

RIZZI, Luigi. *Locality and left periphery*. Disponível em: <http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/rizzi2002-locality%26left_periphery.doc>.